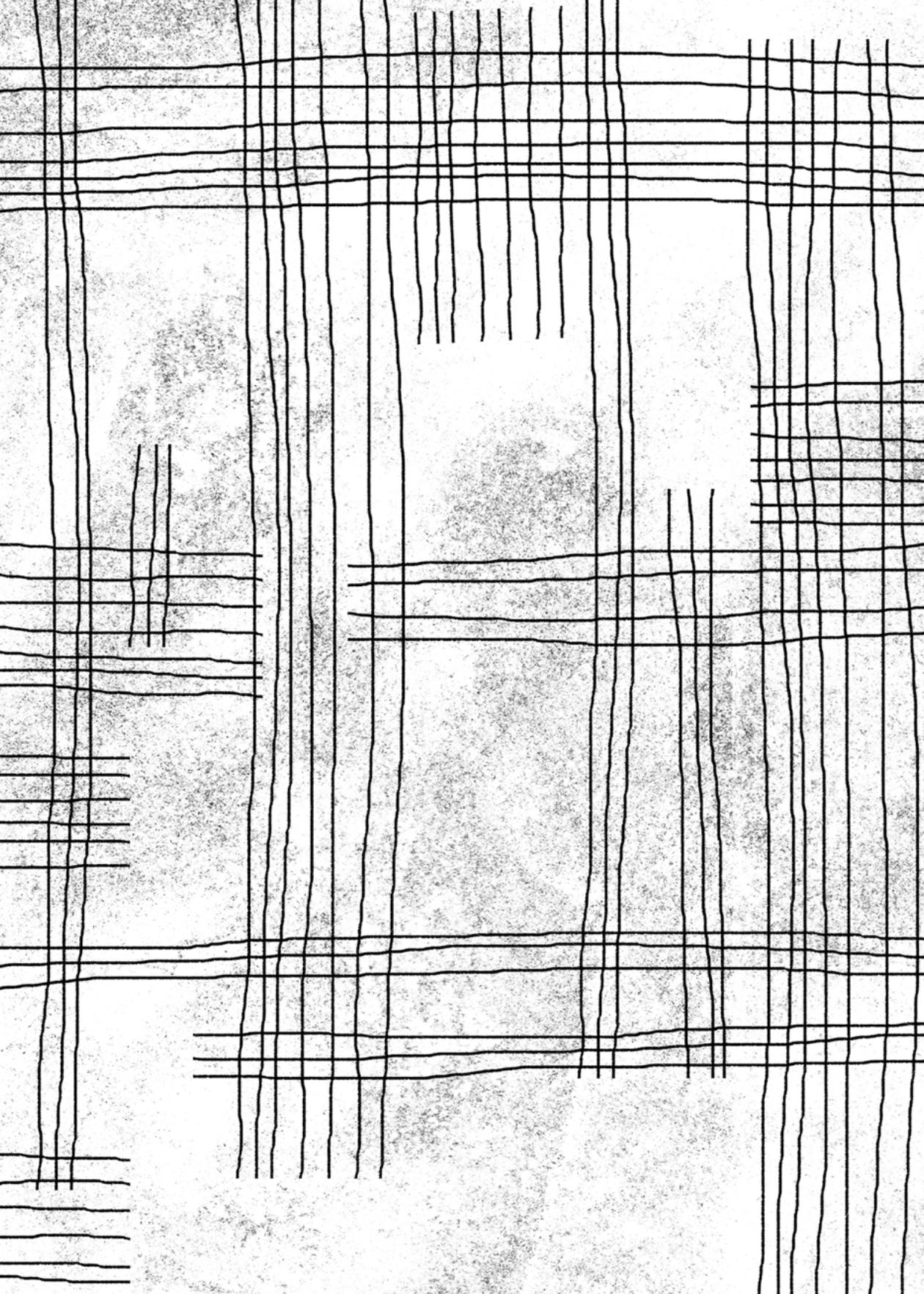


UM
Girassol
PARA
TIANA

TATIANNE SILVA SANTOS • MARA NÚBIA DIONÍSIO

ilustrações: SANTIAGO RÉGIS





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

UM
Girassol
PARA
TIANA

TATIANNE SILVA SANTOS
MARA NÚBIA DIONÍSIO

ISBN (E-book): 978-65-87469-00-3

Reitor

Elias de Pádua Monteiro

Conselho Editorial

Alan Carlos da Costa

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Iraci Balbina Gonçalves Silva

Pró-Reitora Substituta de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Mariana Buranelo Egea

Kleyfton Soares da Silva

Guilherme Malafaia Pinto

Ivandilson Pessoa Pinto de Menezes

André Bonadias Gadelha

Ana Paula Silva Siqueira

Ítalo José Bastos Guimarães

Maryele Lázara Rezende

Rosenilde Nogueira Paniago

Natália Carvalhães de Oliveira

Luiza Ferreira Rezende de Medeiros

Maria Luiza Batista Bretas

Paulo Alberto da Silva Sales

Equipe da Editora do IF Goiano

Sarah Suzane A. Bertolli Venâncio Gonçalves
Coordenadora Geral da Editora

Lídia Maria dos Santos Morais
Assessora Editorial

Johnathan Pereira Alves Diniz
Assessor Técnico

Autoras

Tatianne Silva Santos

Mara Núbia Dionísio

Revisão

Vera Maria Tietzmann Silva

Ilustração

Santiago Régis

Diagramação

Guilherme Cardoso Furtado

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

S237g

Santos, Tatianne Silva

Um girassol para Tiana / Tatianne Silva Santos; Mara Núbia Dionísio. - 1. ed. -
Goiânia: IF Goiano, 2020.

45 p., il.

ISBN (E-book): 978-65-87469-00-3

Ilustrações: Santiago Reis

1. Literatura Goiana – Ficção. 2. Comunidade Cedro – Quilombo - Goiás. 2.
Tradição. 3. Costumes. 4. Cultura. I. Dionísio, Mara Núbia. II. IF Goiano.
III. Título.

CDU: 821.134.3(817.3)-34

Esta narrativa é dedicada
aos negros do Cedro.

Prefácio

No Sudoeste do Estado de Goiás, na cidade de Mineiros, encontra-se uma pequena comunidade fundada no século XIX, bem antes da Abolição, pelo escravo alforriado Francisco Antônio de Moraes, conhecido como Chico Moleque. Na Comunidade Quilombola do Cedro, separada da cidade apenas por uma rua, vivem, atualmente, 237 descendentes de seu fundador.

Desde a época da criação do quilombo até os dias de hoje algumas coisas mudaram, porém parte de sua cultura, tradições, valores e saberes têm sido mantidos ao longo desses anos. A maioria dos cedrinos mantém suas famílias dedicando-se à agricultura de subsistência. A horta no quintal, umas poucas cabeças de gado, galinhas e porcos garantem sua independência alimentar.

Todavia, não pensem que essa forma de viver significa pobreza, pois no Cedro há uma riqueza inestimável de conhecimentos repassados geração após geração e também de histórias que permeiam o imaginário coletivo. Parte desse patrimônio imaterial é o conhecimento centenário sobre as plantas medicinais do bioma Cerrado, saber iniciado por Chico Moleque, que foi sendo preservado e aprimorado e, atualmente, tem o reconhecimento da comunidade científica nacional.

*Esta obra é parte dos resultados de uma pesquisa de caráter etnográfico e etnobotânico financiada pelo Conselho Nacional de Desempenho Científico e Tecnológico - CNPq, realizada por servidores do Instituto Federal Goiano de 2016 a 2018 no quilombo do Cedro, localizado em Mineiros, no estado de Goiás. Dela também resultaram outras quatro publicações para uso escolar: *Um Girassol para Tiana*, escrito por Tatianne Silva Santos e Mara Núbia Dionísio; *Lembranças Cedrinhas: uma experiência de contação de histórias bilíngue*, organizado por Priscila Rodrigues do Nascimento, Joana Dark Leite, Maurício Fernando Schneider Kirst, Tânia Regina Vieira; *How Ways Leads on to**

Way: narrative in an interactive process, de autoria de Maria Luíza Batista Bretas e Vera Maria Tietzmann; e Plantas Medicinais - manipulação e uso na Comunidade Quilombola do Cedro, organizado por Kennedy Araújo Barbosa.

Caracterizando-se como material paradidático, Um girassol para Tiana destina-se aos jovens estudantes brasileiros da segunda fase do Ensino Fundamental que desejam conhecer parte da história, das tradições, da cultura e dos saberes dos quilombolas remanescentes desse reduto de antigo escravos.

Embora esta obra se apresente no formato de ficção, os personagens, os cenários e as informações contidas nesta narrativa foram inspirados em sujeitos reais, nas visitas feita pela autora Tatianne Silva Santos ao Cedro, nas informações colhidas nos depoimentos dos seus habitantes e nas observações feitas durante as visitas do grupo de pesquisadores a essa comunidade entre 2016 e 2018.

Houve o cuidado de transmitir em toda a narrativa a imagem de autorrepresentação dos cedrinhos, pois nos seus depoimentos foi recorrente a ideia de que eles concediam ao Cedro os atributos de um lugar de união e felicidade.

Para uso deste livro nas escolas, sugere-se que o professor faça em sala de aula um estudo prévio sobre o processo de formação dos quilombos no Brasil, contextualizando o Cedro no panorama geográfico e social dos quilombos contemporâneos ainda existentes no território brasileiro.

Boa leitura!

SUMÁRIO

<i>Uma tosse que não passa</i>	<i>10</i>
<i>Sobre diferenças e preconceitos</i>	<i>13</i>
<i>Uma proposta de tarefa bem singular</i>	<i>17</i>
<i>Mistérios e segredos</i>	<i>21</i>
<i>Visitas</i>	<i>25</i>
<i>A Missa Afro</i>	<i>27</i>
<i>Mais celebrações e uma “treição”</i>	<i>32</i>
<i>Lições de vida</i>	<i>37</i>
<i>A tosse passou?</i>	<i>41</i>

MIO





Uma tosse

Que Não Passa

No interior de Goiás, na cidade de Mineiros, uma senhora de 80 anos, Dona Mariinha, era uma viúva que morava sozinha e tinha uma tosse que parecia incurável. Os netos já tinham levado a avó a vários médicos, mas os remédios não conseguiam curar aquela tosse que já se tornara dolorosa e cansativa para ela. Como Dona Mariinha era muito querida por todos no bairro, a notícia de sua enfermidade foi se espalhando até que uma vizinha sugeriu que ela fosse pedir ajuda aos quilombolas do vizinho povoado do Cedro, famosos na região pela manipulação de garrafadas produzidas com plantas medicinais do bioma Cerrado.

A Comunidade Quilombola do Cedro foi estabelecida no século XIX, predominantemente por africanos trazidos ao Brasil para trabalharem como escravos. O local onde hoje vivem foi conquistado graças a seu fundador, Chico Moleque, um africano escravizado que, com muito trabalho, empenho e habilidade, conseguiu sair da triste condição de escravo, comprando sua alforria, de sua esposa e de sua filha, além de adquirir uma pequena fazenda que se tornou um assentamento conhecido como o quilombo do Cedro, onde moram atualmente os seus descendentes.

Pedro, neto de Dona Mariinha, levou-a ao Centro de Plantas Medicinais da Comunidade Quilombola do Cedro, explicou o estado de saúde de sua avó e pediu orientação à atendente, que respondeu:

– A gente vai preparar uma garrafada que vai acabar num instante com essa tosse da senhora, mas só vai ficar pronta no final do dia. Vocês podem buscar amanhã?

Nesse momento, surge uma moça, que estava na sala ao lado, onde fica o Centro Comunitário, e que, por acaso, tinha ouvido a sofrida história daquela senhora. Tiana tinha 19 anos, cursava Farmácia



numa faculdade de Mineiros e trabalhava no local. Com amabilidade, a jovem quilombola, preocupada com o estado de saúde de Dona Mariinha, prontamente se ofereceu:

– Podem passar o endereço que eu mesma levo a garrafada para a senhora antes de ir à faculdade. Levo assim que ficar pronta, de tardezinha. A senhora merece acabar com essa agonia o mais rápido possível.

– Muito obrigada, minha filha! Vou aceitar o favor dessa moça que, além de bela, é caridosa – respondeu a senhora com admiração.

Ao sol-posto, uma moto vermelha, conduzida por uma moça de braços delicados, postura firme e pele negra, aproximou-se da casa de Dona Mariinha. Era impossível não notar sua presença quando ela passava, pois havia algo de imponente no seu porte. Chegando ao destino, Tiana desceu da moto e, ao retirar o capacete, conseguiu chamar ainda mais a atenção das pessoas a sua volta. Seus cabelos com cachos esvoaçantes pareciam balançar de forma sincronizada com o sorriso que a moça esboçou quando viu que Dona Mariinha já estava esperando-a debruçada na janela. Segurando uma garrafa embrulhada em papel, a moça disse:

– Trouxe o que a senhora precisa: uma garrafada de assa-peixe e algumas raízes que vão aliviar seu sofrimento.

– Que bom, minha filha. Vamos tomar um café e conversar um pouco?

As duas se abraçaram e Tiana aceitou o convite de Dona Mariinha para tomarem café. Durante a conversa, a moça contou que sua escolha em cursar Farmácia era uma tentativa de dar continuidade à cultura de seu povo. Ela acreditava que, aprendendo preceitos e fórmulas científicas, poderia aprimorar os trabalhos das raizeiras e raizeiros do Cedro, sempre respeitando e valorizando tudo que seu povo herdou da cultura africana.

A conversa entre as duas foi rápida, pois estava quase na hora de as aulas na faculdade começarem. Com um aceno amistoso, a jovem partiu em sua moto.



SOBRE DIFERENÇAS e PRECONCEITOS

Os negros representam quase metade da população brasileira, mas, mesmo assim, como em várias outras regiões do país, os habitantes de Mineiros discriminam os negros do Cedro, acusando-os de serem culpados por tudo que acontece de errado na cidade. Diante disso, apesar de demonstrar altivez, Tiana se sentia insegura no ambiente acadêmico. Ela se esforçava para sobressair positivamente, dedicando-se muito aos estudos como forma de tentar apagar essa desacertada impressão que os mineirenses tinham a respeito dos quilombolas do Cedro, mas não era fácil viver esse esforço diariamente.

Durante o intervalo entre as aulas, ao andar pelos corredores da faculdade, Tiana ouviu a conversa de alguns alunos. Em meio à conversação falavam sobre o furto de uma estatueta da Igreja de São Bento. De súbito a moça ouviu um triste comentário que a feriu como um punhal perfurando seu peito: “Isso só pode ter sido coisa de um negro do Cedro”. Aquele precipitado julgamento vindo de um universitário provocou sentimentos de profundo desgosto na jovem, uma desmedida angústia e mortificação na sua alma. Seu desejo íntimo era correr dali em busca de um lugar onde pudesse chorar sem ser notada.

Em contraposição, sentiu também uma absurda necessidade de defender seu povo e suas origens. Apenas alguns segundos foram necessários para que ela restabelecesse seu autocontrole. Passou, então, as mãos nos olhos para enxugar os vestígios de lágrimas, endireitou a coluna, respirou fundo e partiu em direção àqueles jovens com passos largos e decididos. A elegância ao andar contrastava com a ferocidade de sua ânsia em interceder pelos seus. Face a face com o autor da cruel frase, olhou-o com olhos de uma ave de rapina e o interpelou:





– Meu nome é Sebastiana, sou moradora do Cedro e ouvi a conversa de vocês. Preciso saber por que você tem tanta certeza de que foi um quilombola que roubou a imagem da igreja!

– Desculpe-me, moça, eu não quis ofender você nem sua gente. Mas para ter coragem de furtar uma igreja, o cara tem de estar passando necessidade, e sabemos que os quilombolas são as pessoas mais pobres da região.

– Depende do que você chama de pobreza. Não somos pobres, nossa cultura é muito rica. Você, que faz Farmácia, sabe que muita gente recorre aos nossos fitoterápicos quando estão doentes. Quando ouvi você dizer que só um quilombola poderia ter roubado a estatueta, doeu-me sentir que estava ofendendo meus antepassados e parentes próximos. Ofendeu todos os meus antepassados, que tiveram que adquirir seu conhecimento para sobreviverem nessa comunidade isolada, numa época em que os negros não tinham trabalho pago, nem médicos ou leis. Mas hoje somos ricos, fartos em saúde, cultura, conhecimento e mantimentos.

– Ah, qual é? Vocês não são ricos, vivem em casas simples. Plantam, mas a colheita é pequena, além de só criarem uns poucos animais.
– Retrucou ironicamente o estudante.

À medida que Tiana continuava a argumentação em defesa de seu povo, ela, sem perceber, aumentava o volume de sua voz. O timbre mais e mais agudo de sua fala fez com que outras pessoas se aproximassem para ouvir a discussão. Logo se formou uma roda de curiosos em volta do grupo.

– Nossas riquezas estão fundadas em valores desconhecidos para você. Nós, cedrinos, plantamos o suficiente para a nossa alimentação e ainda sobra o bastante para negociarmos dentro e fora da comunidade. O mesmo acontece com a criação de animais, os frangos, codornas, porcos, ovos ou leite que sobram nós vendemos ou trocamos por outras mercadorias. O lucro ou a riqueza não são importantes para nós como são para vocês. O significado de riqueza para nossa gente é outro. Valorizamos o companheirismo entre vizinhos, respeitamos os limites da natureza, o tempo de cada coisa e, de certa forma, até a terra nos honra



por isso, pois quanto mais compartilhamos nossas hortaliças, mais elas se multiplicam.

A plateia já era grande e, entre os ouvintes do conflito, estava Matias, professor de Ética, que viu naquele episódio uma grande oportunidade de trabalhar as relações interpessoais, que seria o tema de suas próximas aulas. Ele interrompeu a fala de Tiana e sugeriu que, como pedido de desculpas pela acusação do furto, os alunos deveriam fazer uma visita ao Cedro numa data a ser escolhida pela jovem colega negra.

O professor falou ainda que, em nome da universidade, ele sugeria que fosse realizada uma pesquisa na comunidade do Cedro devido à gravidade da ofensa praticada. Salientou que isso também seria importante para tirar a má impressão de que tudo que acontece de errado em Mineiros é de responsabilidades dos quilombolas. A visita deveria ser feita pelos alunos do módulo “Ética e cidadania” e seria acompanhada pelo docente da disciplina – ele mesmo – e por Tiana. Diante da proposta, os alunos aceitaram participar.



UMA PROPOSTA DE TAREFA BEM SINGULAR

A proposta de atividade acadêmica do professor Matias era bastante inédita e foi acolhida por Sebastiana com surpresa e satisfação. Ela sugeriu que a visita fosse feita na semana seguinte, precisamente no dia 15 de agosto, pois seria realizada a Missa Afro na comunidade em homenagem a Nossa Senhora D'Abadia.

A data foi escolhida por ser um dia de festa, quando os quilombolas costumavam mostrar-se mais receptivos a visitas. Devido às inúmeras histórias de discriminação e exploração, os cedrinhos nem sempre estão abertos para receberem pessoas externas que têm o objetivo de conhecê-los ou pesquisá-los. Aproveitando que seria num final de semana, Tiana informou que a programação se estenderia até o dia 16, então os estudantes deveriam estar preparados para dormirem na comunidade quilombola. Ela assegurou que eles seriam confortavelmente alojados em sua casa e na residência de vizinhos. O professor se prontificou a ajudar na elaboração do roteiro a seguir. Seria uma oportunidade para tirar a limpo a acusação preconceituosa de que só um quilombola poderia cometer o ato profano de furtar uma imagem da igreja.

Chegado, então, o dia 15, o professor Matias compareceu bem cedo, acompanhado de seus doze alunos. Tiana prontamente os recebeu e os guiou de acordo com o cronograma que ela e o professor haviam preparado. Primeiro foram tomar café da manhã na casa da família da jovem. Ficaram admirados com a fartura sobre a mesa, havia pães com manteiga produzida com o leite das vacas do quilombo, além de bolos, queijos e muitas frutas, como banana, mamão e goiaba, todas igualmente colhidas nos quintais do Cedro. Uma aluna salientou que na sua casa, devido à correria do dia a dia, nunca tinha tempo de tomar um desjejum tão farto.



Em seguida, visitaram algumas casas e conheceram seus quintais. À medida que iam passando da casa de uma família para outra, iam conhecendo seus modos de vida, suas plantações e criações. Havia galinhas, vacas, porcos, todos separados de forma organizada, cada animal na chácara de seu respectivo dono. Tiana explanava sobre a prática da agricultura de subsistência de seu povo e ia mostrando a plantação de feijão do Senhor João, a lavoura de milho do Senhor Joaquim, a roça de feijão de Dona Guilhermina, o cultivo de cana-de-açúcar dos filhos da viúva Aurora e muitas outras, ora plantações de arroz, ora canteiros de alface, era uma variedade que parecia não ter fim.

Como esse seria um dia de celebração, foram conhecer a casa de Benedita, uma jovem e alegre senhora, para participarem do que ela estava preparando naquele dia especial. No Cedro, geralmente as mulheres têm presença expressiva, são simpáticas e exercem papéis significativos na comunidade e em seus respectivos lares. Bené, como costumava ser chamada, além de excelente doceira, presidia com dedicação a Associação de Moradores da Comunidade Quilombola do Cedro. Ela estava sempre reivindicando melhorias para a coletividade.

A missa que aconteceria à noite não seria um culto católico comum, mas uma espécie de festa de confraternização da comunidade. Os moradores se empenhavam em escolher e preparar alimentos para serem ofertados ao final da cerimônia, cada família ia levar o que lhe fosse conveniente. Nesse dia, dona Benedita contaria com a ajuda daqueles jovens para preparar o regalo, que é a sua especialidade, compotas de doces. Suas guloseimas eram feitas artesanalmente com frutas da estação, como laranja, figo e mamão, além do doce de leite puro.

A senhora pediu para que todos lavassem as mãos e a ajudassem a lavar, descascar e cortar as frutas. Com todos aqueles jovens ajudando, as oferendas ficariam prontas num instante. Diante do pedido carinhoso de Bené e da maldisfarçada intenção que tinham de lambiscar aquelas gostosuras, todos cooperaram.

Os colaboradores estavam fascinados pela visão de Bené mexendo, com uma enorme colher de pau, o tacho repleto de doce de leite borbulhando pela fervura. Os estudantes lambiam os lábios tentando segurar a salivação diante do aroma que o cozimento exalava. Enquanto





parte dos alunos cortavam as frutas, alguns mexiam os tachos para o melado não grudar no fundo e queimar, ao passo que outros lavavam e enxugavam os vidros que serviriam de embalagem. Além das frutas, aprenderam a manipular diversas especiarias, como cravo e paus de canela, que dão sabores especiais às compotas. Por uma hora auxiliaram nos preparativos, não perdendo a oportunidade de petiscar, aproveitando os breves períodos de distração da cozinheira.

Pouco depois, atenta ao cronograma, Tiana chamou os colegas para prosseguirem com a programação. Bené lamentou que eles não pudessem ficar ajudando por mais tempo, mas ainda havia muito do Cedro a ser explorado por eles, e a Missa Afro seria o ponto alto do dia.



MISTÉRIOS

e SEGREDOS

Era conveniente que todos descansassem um pouco. Pararam, então, na casa da Mãe de Santo, dona Josefa, para almoçarem. A escolha da casa foi para que lhes fossem mostrados que, apesar da predominância católica na comunidade, no quilombo também havia um terreiro de umbanda, religião com práticas herdadas dos africanos e que sofreu uma forte influência do catolicismo.

Enquanto saboreavam o churrasco com mandioca oferecido na casa, Josefa lhes contava como são os rituais de umbanda, o motivo de as velas serem oferecidas às entidades e explicou sobre os benefícios dos passes espirituais aplicados pelos médiuns. Segundo a Mãe de Santo, a umbanda trabalha com falanges formadas por espíritos com relativo grau espiritual de evolução, os caboclos são considerados espíritos de índios que morreram e viraram guias de luz que voltam à Terra para prestar caridade. Ao se apresentarem, entoam fortes gritos de guerra, gesticulando como se estivessem lançando flechas, atuam diretamente na linha de curas na saúde e limpezas espirituais. Os pretos velhos são entidades de homens que viveram, geralmente, como negros escravizados, são muito sábios e pacientes, apresentam-se apoiados em bengala, simbolizando velhice, e a maior característica deles é o aconselhamento.

Após almoçarem, foram conhecer o Centro Comunitário de Plantas Medicinais, lugar onde Tiana trabalhava com prazer e dedicação. A moça mostrou-lhes como as raízes e ervas eram manipuladas para se transformarem em garrafadas, mas fez isso sem revelar as receitas, porque há um compromisso entre todos os raizeiros de manterem sigilo sobre as fórmulas. Conhecer o segredo é um privilégio exclusivo dos irmãos de origem e só poderiam ser passadas oralmente, de geração para geração.

Contou-lhes, também, que o manuseio de ervas é uma tradição antiga entre os quilombolas. Como os primeiros habitantes não tinham





acesso a médicos e remédios farmacêuticos, aprenderam a extrair das plantas a cura para seus males, dando início, assim, ao trabalho dos raizeiros. Tiana explicou:

– Atualmente, utilizamos mais de 300 ervas na manipulação dos produtos fitoterápicos produzidos neste local, são garrafadas à base de sucupira para infecção masculina, alfavaca para rinite alérgica, assa-peixe para tosse, capim-santo como calmante, carapiá para irregularidades menstruais, nó-de-cachorro como afrodisíaco, ora-pro-nóbis para anemia, carqueja para infecções do intestino e estômago, jiló como vermífugo, alho para hipertensão, alcaçuz para bronquite e outras centenas de produtos.

As alunas ficaram encantadas com os sabonetes naturais, especialmente com o de barbatimão e sangra d'água, indicado para banho íntimo. Todos esses nomes – sucupira, alfavaca, assa-peixe, barbatimão, sangra d'água – são denominações de plantas do Cerrado encontradas na região. Cada preparado era composto de uma combinação de diversos vegetais.

A conversa no local foi longa, mas os alunos não sentiam o tempo passar. A riqueza de detalhes com que lhes eram transmitidas as informações deixavam-nos muito interessados nos novos conhecimentos que estavam adquirindo. Para explicar tudo que acontecia naquele local, Tiana pediu ajuda para a atendente da farmácia, uma senhora bem receptiva e de sorriso fácil. Ela salientou a naturalidade na fabricação dos preparados:

– Na comunidade há uma pessoa designada para sair em busca das plantas certas e coletar delas a parte que será usada nas receitas. Nas árvores angico e barbatimão, por exemplo, o princípio ativo está na entrecasca, e não nas folhas. Então, deixamos as ervas secando de forma natural por vários dias antes de usá-las. Como não usamos conservantes em nossas fórmulas, não fabricamos produtos em grande quantidade, assim evitamos que a qualidade seja prejudicada pelo perecimento dos princípios ativos.

As duas últimas informações sobre os medicamentos tiraram suspiros de encanto dos ouvintes devido ao esmero em que tudo era tratado no Cedro. Primeiro, os raizeiros jamais manuseiam as ervas se estiverem tristes, nervosos ou angustiados, pois acreditam que a energia de seus sentimentos pode ser transferida para os produtos e interferir na sua eficácia. Para finalizar com doçura, a atendente declarou:

– E as garrafadas são adoçadas com rapadura!





VISITAS

Depois de aprenderem sobre os assuntos botânicos da região, os visitantes foram à casa da viúva Aurora. Lá era cultivada a cana-de-açúcar, como eles viram no começo da programação preparada por Tiana. A família usava a cana para fabricar deliciosos doces chamados moça branca, melado e a rapadura, que também é utilizada para adoçar as garrafadas, os chás, sucos e outras diversas gostosuras da culinária local.

– Os filhos da Aurora plantam, cuidam e colhem a cana quando essas estão grandes e seus colmos bem desenvolvidos. Quanto mais sol a plantação recebe, maiores e mais sumarentos ficam seus caules. Depois de colhida, a cana passa pela moenda para que seu caldo seja extraído. Dizia Tiana.

Enquanto moía a cana para demonstrar seu trabalho, Pedro, filho da viúva, relatou que, quando ele era criança, a família possuía dois bois para trabalharem no engenho. Os animais eram presos por uma coleira ligada à moenda e eram guiados para andar em círculos, gerando assim, a tração que fazia o engenho moer a cana. Atualmente, explicou, o maquinário é bem mais prático, ocupa menor espaço e não agride animal algum.

Para a fabricação da rapadura, o caldo da cana é peneirado e deve ficar certo tempo em repouso para a decantação das impurezas. Em seguida, as impurezas são retiradas, e a garapa é colocada em tachos para fervura até chegar ao ponto de rapadura. Os tempos do engenho com tração animal mudaram, mas o aroma doce como o mel continua o mesmo das décadas anteriores. Enquanto observavam a fervura, os convidados provavam e aprovavam o adocicado sabor da garapa e das rapaduras que já estavam prontas à espera deles. Alcançado o ponto de melado, o caldo foi despejado em formas de madeira para endurecer e se tomar o formato de rapaduras. Ao final da visita, cada aluno foi presenteado com minirrapaduras para levarem às suas respectivas casas.



A seguir, os estudantes foram conduzidos de volta à casa do Senhor Joaquim, onde tinham passado no começo do passeio e visto a lavoura de milho. Ali seria servida a última refeição antes da Missa Afro. Dona Clementina, esposa do Senhor Joaquim, e suas filhas estavam finalizando o preparo das pamonhas feitas com o milho da roça. À medida que amarravam as pamonhas, iam conversando sobre sua cultura.

Clementina contou que o nome pamonha significa pegajoso em tupi-guarani, e é uma comida que herdaram da sabedoria indígena. Como o nome indica, pamonha é uma iguaria grudenta, que deve ser bem amarrada com as palhas do próprio milho, formando uma espécie de trouxa. Dentro da trouxinha, além do milho ralado, há temperos e queijo, às vezes também linguiça para variar o paladar do degustador. Algumas são feitas com sabor doce, temperadas com rapadura ou açúcar. Depois de amarradas, as pamonhas foram cozidas em água fervente no fogão à lenha, pois nessa casa não usavam gás de cozinha.

Os alunos ficavam observando como era limpa a casa de Clementina. Aliás, asseio no lar é uma característica comum na maioria das casas do Cedro. A construção rústica daquela moradia é perfeitamente compatível com a atmosfera bucólica que a cerca. As painéis de alumínio penduradas na parede da cozinha eram tão bem areadas que pareciam formar uma sucessão de espelhos. Enquanto Clementina continuava a falar, os alunos perdiam a concentração, rindo ao verem suas próprias imagens refletidas de forma distorcida nas vasilhas e conchas. A cor vermelha da cera com que as paredes do fogão caipira eram lustradas entrava em confronto com o tom escuro que o calor da fumaça pintava na parede da cozinha. O mormaço do fogão não chegava a aquecer a habitação, pois as casas foram construídas com paredes de adobe. Tijolos de adobe são feitos de barro misturado com palha e esterco de gado, uma composição que consiste num excelente isolante térmico, mantendo as casas sempre fresquinhas.

As palhas amareladas mostravam que as pamonhas já estavam cozidas, prontas para o consumo. Clementina e suas filhas se sentiram orgulhosas ao verem como os alunos se esbaldaram de comer. Quando terminaram, foram divididos em grupos a fim de tomarem banho e se vestirem para a missa.



a MISSA AFRO

As moças voltaram para a casa de Tiana, enquanto os rapazes permaneceram na casa de Senhor Joaquim para se arrumarem. Estavam cansados, pois foram inúmeras as visitas daquele dia, mas um banho iria lhes revigorar as forças.

Na casa de Tiana, as meninas se vestiram como se fossem para uma festa comum, todavia a jovem quilombola havia preparado alguns adornos coloridos da temática africana para as moças usarem e se sentirem incluídas na cultura afro. Entre os adereços havia brincos em formato de argolas, lenços, colares feitos de búzios, turbantes e pulseiras coloridas. A respeito dos cabelos, Tiana declarou:

– Hoje não é dia de prendê-los, nossos cabelos são revoltos, expressando nosso desejo de liberdade.

As moças se esqueceram da sua condição de jovens adultas na hora dessa arrumação, pareciam brincar como crianças. Davam gargalhadas, colocavam e tiravam adereços, além de pentearem os cabelos de forma que os fios ficassem delicadamente desalinhados.

Chegada a hora da Missa Afro, realizada na capela Nossa Senhora D'Abadia, que ficava dentro da comunidade, notava-se a presença de muitos cedrinos no local. Estavam todos os Joaquims, Clementinas, Auroras, Guilherminas, Josefás, Benés, independente de seus credos e profissões, eles se uniam para esse momento cultural que narra a história de sua ancestralidade com amor, respeito e emoção.

Os visitantes ficaram admirados quando perceberam que não se tratava apenas de uma cerimônia religiosa, mas sim de uma celebração



à vida. Inicialmente, o ritual assemelhava-se aos celebrados em qualquer igreja católica. Era presidido por um padre que, com suas calorosas palavras, fazia os fiéis reviverem a Paixão de Cristo em suas mentes.

No decorrer da cerimônia, alguns moradores interpretavam músicas, por vezes eram de cantores negros brasileiros ou em dialetos africanos. Através dos cânticos africanos eles expressavam a dor e a luta de seus antepassados. Enquanto as garrafadas remediavam os males do corpo, a música tentava remediar os males da alma daquela gente. Eles não viveram pessoalmente as dores da escravidão, mas é notável a sensibilidade que eles tinham em sentir o sofrimento de seus antepassados. Parecia que a dor havia migrado pelos seus genes durante os séculos que passaram. As canções que lembravam o martírio vivido pelos escravos eram entoadas por vozes que exalavam emoção, acompanhadas por olhos marejados de lágrimas.

Os olhos dos cantores conseguiam expressar a revolta pela subjugação que passaram, as doenças que eram acometidos nas sujas e escuras senzalas, os gritos e choros por dores e tristeza, pais vendo seus filhos serem vendidos e suas mulheres estupradas pelos senhores, o cansaço pelo duro trabalho realizado ao sol de todo dia, o anseio por liberdade dos antigos cativos. Cantavam para purgar a alma de seus ancestrais pelas humilhações, golpes de açoite que sofriam enquanto estavam amarrados no tronco para serem castigados, quando suas costas ficavam dilaceradas pelas chicoteadas e muitos não sobreviviam. Lembravam também quando seus antepassados eram obrigados a usar uma máscara de ferro para tampar-lhes a boca e passavam dias sem comer durante esse castigo. Isso acontecia quando, desesperados pela fome, roubavam comida.

Os instrumentos musicais usados na missa – violão, atabaque, chocalho e pandeiro – contribuía para que as emoções dos ouvintes ficassem ainda mais afloradas. Ao acompanhar as melodias e as letras das músicas, os espectadores conseguiam reviver em seu íntimo o sofrimento dos escravos. Ressentiam-se dos terrores vividos por quem foi trazido ao Brasil em navios negreiros, que chegavam a transportar quatrocentos cativos nos seus porões e levavam cerca de dois meses para atravessar o Atlântico. Os africanos eram transportados amontoados, sem poderem





mover-se. O mau cheiro dominava o ambiente dos navios, pois era comum os tripulantes sentirem enjoos devido ao balançar das caravelas e vomitavam a todo tempo. Fezes e urina empestavam o ambiente onde permaneciam acorrentados nos meses que durasse a viagem. Durante o trajeto, muitos morriam devido a doenças relacionadas à fome e à falta de higiene, e seus corpos eram lançados ao mar.

Ao cantarem na missa, os cedrinos davam a entender que respeitavam a dor, a diversidade cultural e racial. Os alunos ficaram enternecidos ao ouvirem o coro que exterioriza o dolorido lamento de agonia daqueles que viveram e ainda viviam de guerra em guerra. A ocasião da Missa Afro era usada pelos negros como uma tentativa de descarga emocional, um esforço de se livrarem do opressor sentimento de cárcere que insiste em assombrar a mente de cada membro da comunidade. Através do desabafar de suas emoções eles tinham a sensação de que seus antepassados poderiam usufruir de um pouco da liberdade vivido pela geração atual.

Embora existisse essa tremenda necessidade coletiva de catarse, o evento tinha objetivo confraternizador, era um ensejo para os moradores se reunirem e conversarem de forma festiva. Houve o momento reservado para rememorem a dor, mas estavam ali para desfrutarem de sua cultura de raiz africana, pois eles não eram descendentes de escravos, mas sim de africanos que foram escravizados, mais especificamente, de herdeiros de Chico Moleque, um homem forte, de extremo dinamismo que usou de intensa destreza para conseguir o que parecia impossível naquela época: mudar sua posição de escravo para a de proprietário de terra.

Foi implementada na cultura brasileira a ideia de que o negro é descendente de escravos, como se tivessem nascido em navios negreiros e não houvesse uma história africana antes dos trezentos anos de cativo nas Américas. Estigmatizaram os negros, reduzindo-os a humanos sem etnia, numa tentativa subentendida de apagar sua ancestralidade. Por isso estavam naquela festividade para lembrarem que existia um passado africano rico em cultura, religiosidade e saberes. Quando foram trazidos ao Brasil, chegaram com conhecimentos de agricultura,



mineração e vários outros, dependendo da região africana de onde saíram. Por terem se originado de um povo tão forte e guerreiro, capaz de superar uma história repleta de massacres, tinham motivos e vigor para celebrarem a vida.

Dando prosseguimento à solenidade, os cedrinos vocalizavam canções que expressavam sua alegria, fé e esperança. As músicas eram carregadas de sincretismo, misturando termos usados nas religiões de matriz africana com os santos da igreja católica. Em meio às canções, usavam “axé” e “saravá” como saudações. Saudavam Olorum, criador de tudo e todos, segundo o Candomblé; Oxalá, os olhos que veem tudo, sincretizado por Jesus Cristo; e invocavam Tupã, que é a manifestação divina que nos chega através do som do trovão, segundo a crença indígena.



MAIS CELEBRAÇÕES

e UMA "TREIÇÃO"

Ao término da emocionante missa, os cedrinos e visitantes foram convidados para a tão esperada quizomba, palavra de origem africana que significa “exaltação do povo”. Seguindo o roteiro da festa, foram conduzidos ao barracão anexo à igreja, onde seriam servidas as oferendas que cada família levava de suas casas. As travessas ou bacias com alimentos eram colocadas numa grande mesa de madeira, tudo preparado com muito esmero. Os alunos nunca haviam visto uma mesa tão grande e farta, havia arroz, mandioca, feijão preto, feijão carioca, mandioca cozida e frita, creme de milho, frango e carne bovina, frutas, vários tipos de doces, queijos, bolos, pamonha, além de grande variedade de verduras e legumes. Os convidados foram muito bem servidos. Enquanto comiam, os alunos observavam o sorriso fácil das pessoas da comunidade, estavam com o semblante tranquilo, os dentes brancos brilhavam em contraste com a pele negra.

Logo após a refeição, houve apresentação de grupos de capoeira. Como Tiana fazia parte de um dos grupos, foi ao banheiro para vestir o abadá, vestimenta usada para a prática do jogo. A capoeira foi desenvolvida no Brasil pelos negros escravizados. Esses treinavam movimentos como chutes, rasteiras, cotoveladas e golpes aéreos com o objetivo de estabelecer uma arte marcial que lhes servisse como defesa contra os capitães do mato que os perseguissem numa suposta fuga. Os senhores de engenho não podiam perceber que os escravos estavam se preparando para lutar, por isso eles disfarçavam a prática simulando uma dança acompanhada de ritmos sonoros produzidos pelas vozes, palmas e instrumentos fabricados por eles. Aos olhos dos senhores de engenho, o treinamento parecia uma dança típica africana.



Tiana estava bela naquela vestimenta branca. O som do berimbau a deixava concentrada para entrar no jogo, respirou fundo e começou como se o mundo estivesse resumido àquele círculo fechado por pessoas. Descalça e com os cabelos soltos ela entrou na roda demonstrando sua agilidade com um movimento chamado Aú, pelo qual ela gira o corpo ficando com as mãos no chão e de pernas para o ar, terminando em pé para se aproximar do oponente na roda. Enquanto girava, seus cabelos exalavam o aroma de creme rinse. Ela se aproximava e se afastava do opositor usando o movimento chamado ginga.

A arte da capoeira, com seus complexos movimentos, ajudou a modelar seu corpo com pernas e nádegas torneadas, braços fortes e abdômen definido. Ao terminar sua participação, estava com o nariz respingado de suor e com a respiração ofegante, mas feliz por ter feito uma perfeita apresentação. Então juntou-se aos colegas de faculdade e sugeriu que fossem para os alojamentos que estavam preparados para eles. Precisavam descansar, pois haveria mais da cultura cedrina para conhecerem ao amanhecer.

Devidamente instalados, estavam curiosos pelo que ainda estaria sendo preparado para eles conhecerem da comunidade. Adormeceram rápido, estavam exaustos pelo dia agitado e prazeroso que passaram. As mulheres ficaram na casa de Tiana, enquanto os homens estavam hospedados na casa de Joaquim.

Ao raiar do dia, reuniram-se na chácara do senhor Luiz, o criador de galinhas e porcos da região. Foram chegando algumas pessoas da comunidade, algumas com ferramentas, como enxadas para capinar, facões, rastelos, pás, carrinhos de mão, foices, martelos, serrotes e grandes sacos de lixo, muitos estavam calçados com botas de borracha. Outros foram chegando com mantimentos para o café da manhã como pães de queijo, garrafas de café, sucos de laranja, bolos e frutas. Dessa forma, foram agraciados novamente com um farto desjejum. Enquanto se fazavam, Luiz lhes esclarecia o motivo daquela reunião:

– O compadre Jeremias é viúvo e está bem idoso, a saúde não permite que ele trabalhe na roça. Seus dois filhos trabalham e estudam em Mineiros. Aos finais de semana eles tentam cuidar da chácara, mas





o tempo que lhes sobra não é suficiente para manter o asseio necessário do pasto e o cuidado com o pouco gado de leite que lhe resta. Aqui na comunidade prestamos atenção às necessidades uns dos outros, por isso percebemos em comum acordo que chegou a hora da treição.

– Treição? - um dos jovens perguntou com estranheza.

Tiana interrompeu para esclarecer:

– Treição é um modo peculiar que as pessoas mais antigas do Cedro usavam para expressar traição. Quer dizer que, de certa maneira, vamos trair o senhor Jeremias, cuidando de sua terra sem que ele tenha pedido ou permitido. Ele não sabe que estávamos planejando esse cuidado. Como é de conhecimento de todos por aqui a sua carência de ajuda, vamos socorrê-lo voluntariamente.

Terminado o café da manhã, seguiram para a chácara do senhor Jeremias, que ficava ao lado da chácara do Luiz. Cada um chegou e já foi usando a ferramenta que levava. Os alunos ficaram encarregados de encher os sacos de lixo com as gramas secas e estrumes que os outros iam retirando do pasto. Esse material seria reutilizado como fertilizante natural na própria chácara ou nas hortas de vizinhos. Enquanto isso, outros consertavam a cerca de arame farpado. Os demais cuidavam do gado, curando pequenas feridas, verificavam datas de vacinas, cuidando da higienização das vacas para evitar mastite e também tratando de algumas lesões nos cascos.

Quando Jeremias saiu de sua casa e foi ao quintal para verificar a origem do movimento e do barulho no lugar, as tarefas haviam sido distribuídas e os trabalhos já estavam em pleno desenvolvimento. Foi com explícito contentamento nos olhos e no sorriso que ele recebeu a notícia da “treição”. Com o passar de algumas horas, outros vizinhos chegaram para preparar o almoço para todos os presentes no mutirão. Almoçaram frango caipira com angu de milho e salada com verduras fresquinhas. O trabalho foi árduo, mas praticado com satisfação. Os estudantes foram conquistados pelo espírito de benignidade dos quilombolas e pela evidente gratidão do dono do sítio, sentimentos que os fortaleceram para que trabalhassem prazerosamente. A generosa entrega



de suas forças e de seu tempo inundava o ambiente, propagando um clima de paz e solidariedade.

O almoço servido no mutirão adequou-se à despedida dos visitantes. Foram saudados respeitosamente com calorosos abraços. Passaram pouco tempo na comunidade, mas o convívio foi intenso e a estima recíproca. Voltaram, então, cada um para sua casa, com a sensação de terem adquirido novos saberes. Alguns estavam com sacolas, compraram sabonetes e garrafadas do Centro Comunitário de Plantas Medicinais, e outros compraram rapaduras, além de ovos caipira para levarem para suas famílias.

Esse grupo de visitantes vivenciaram uma cultura que era conhecida apenas superficialmente entre as pessoas fora da comunidade. Essa experiência os afetou sutilmente com o passar das horas em que permaneceram no Cedro, tornando-os indivíduos capazes de se livrarem de amarras comportamentais e ideológicas produzidas por uma sociedade repleta de preconceitos intrínsecos e velados. Muitas vezes, os preconceitos nem são tão velados assim, como o que foi manifestado na faculdade no dia do furto da estatueta. A intolerância existe não apenas relativa aos negros, mas a todas as minorias ou ao que é novo, ou pouco conhecido pela maioria.



LIÇÕES DE VIDA

Passados alguns dias, os estudantes promoveram uma palestra na faculdade, expondo fotografias que tiraram na Comunidade Quilombola do Cedro e contando algumas das situações que presenciaram e as sensações lá vividas. Narraram o que perceberam sobre a cultura local, além de aspectos socioeconômicos. Manoela, uma das alunas, foi a porta-voz e explanou:

– Quando o professor Matias nos incumbiu de visitar a Comunidade Quilombola do Cedro sentimos desânimo por ter que supostamente perder tempo numa expedição enquanto poderíamos estar aproveitando o final de semana com a própria família ou com amigos. Poucos de nós foram para lá sem preconceitos ou objeções. Mas fomos tão bem recebidos que, durante a visita, esquecemos que estávamos em missão acadêmica e sentimos que estávamos num passeio. Como foi gratificante conhecer pessoas que se dispuseram a interromper suas rotinas para nos mostrarem seus modos de vida, além de nos presentear com deliciosas refeições e nos hospedar em aconchegantes acomodações!

Fomos recebidos com zelo por pessoas que possuem um viver diferente do nosso e estão sempre com sorriso nos lábios. Não trabalham visando ao enriquecimento financeiro, mas ao engrandecimento pessoal. Demonstraram espírito altruísta em várias ocasiões, sendo uma delas ao fornecerem garrafadas medicinais gratuitas a pessoas da comunidade, além de se juntarem para trabalhar na chácara de um idoso a fim de ajudá-lo a ter uma velhice digna. Precisamos agradecer aos cedrinos por se dedicarem à preservação do Cerrado, eles se preocupam em manter a vegetação nativa, pois detêm um rico conhecimento sobre os benefícios que as ervas podem trazer à nossa saúde. Além de pre-



servarem o Cerrado, eles se esforçam para preservar a cultura africana, berço de seus antepassados, promovendo festas com músicas e esportes nativos. Agradecemos ao professor Matias e à Sebastiana Aparecida, nossa querida colega Tiana, por terem nos proporcionado realizar tal pesquisa.

Manoela desceu do tablado, presenteou Tiana com um girassol plantado em um delicado vaso, e fez uma verdadeira palestra motivada pela visita ao quilombo:

– Em nome dos alunos da faculdade, eu lhe ofereço esta planta como agradecimento e como pedido de desculpas pelo sofrimento que a fizemos passar quando injustamente acusamos o seu povo. Escolhemos o girassol por ser uma das flores usadas nos trabalhos espirituais das religiões de matriz africana, como o Candomblé e a Umbanda. O girassol é usado em banhos para a abertura de caminhos, para enfeitar altares e nos rituais destinados aos orixás Óxum, Óxossi, Oxumaré e Oxalá. As flores têm grande importância ritualística nas religiões de afrodescendentes. Vou citar o exemplo da fundação da umbanda, que aconteceu em 1908, quando um rapaz de 17 anos, chamado Zélio Fernandino de Moraes, foi encaminhado ao médico por sua família. Eles percebiam que o rapaz tinha um comportamento atípico, às vezes conversava com vozes diferentes como se fosse outra pessoa.

Por não encontrar enfermidade em Zélio, o médico sugeriu que a família o levasse a Federação Espírita de Niterói. Na Federação, Zélio foi convidado a presidir a mesa de uma sessão espírita kardecista. Nesse dia, o rapaz interrompeu o culto dizendo: “Aqui está faltando uma flor”, saiu da sessão, foi ao jardim e voltou com uma flor na mão, colocando-a na mesa dos trabalhos. Logo os médiuns começaram a incorporar espíritos que diziam ser de pretos velhos que foram escravizados e de índios. O diretor dos trabalhos repeliu a presença dos novos espíritos, alegando que eles seriam espíritos atrasados. Então, através de Zélio, um espírito disse: “Por que repelem a presença desses espíritos, se nem sequer se dignaram a ouvir suas mensagens? Será por causa de suas origens sociais e da cor?” Este último se apresentou como um caboclo, que em vida, havia sido o Jesuíta Gabriel.





Não conto esta história com a intenção de convertê-los a uma ou outra religião, mas para que compreendam a diversidade e a grandeza de outras culturas. A princípio, até nos rituais espíritas houve preconceito em relação à cor e à origem social. É inadmissível pensar como um médium concluiu que o espírito de um ex-escravo não pudesse ter ensinamentos a transmitir. Não poderia ele ter pensado o contrário, como o espírito de um ex-escravo, com toda a subjugação que sofreu, poderia ter a abnegação de passar seus conhecimentos aos descendentes daqueles que o humilharam em vida? Os quilombolas aceitam e praticam cultos cristãos, além de preservarem os rituais de seus antepassados, mostrando que para ter fé e amor não é necessário ultrajar a credulidade alheia.

Todos se admiraram com as palavras de Manoela, que compartilhou conhecimentos que ninguém deles imaginava que ela tivesse. Tiana aceitou o presente com os olhos marejados de comovida alegria. Estava contente por ter alcançado seu objetivo, que era mostrar aos demais o valor de sua gente. As duas se abraçaram, finalizando aquela verdadeira palestra acadêmica num gesto que simbolizou a união de dois povos, os que vivem dentro da comunidade quilombola e os que vivem fora dela. Tiana conseguiu quebrar uma barreira que só existia no campo psíquico, pois em Mineiros o que separa a comunidade do restante da cidade é apenas uma rua.

Depois daquele evento, a jovem quilombola passou a se sentir mais confiante ao andar pela faculdade e nos relacionamentos interpessoais que mantinha dentro e fora da comunidade. Perdeu a insegurança que sentia outrora. Agora, ela não mais simulava altivez para se sentir respeitada, sua autoestima estava verdadeiramente elevada e até sua postura corporal revelava a própria segurança. Ela não mais estudava para conquistar o respeito alheio, mas, sim, para garantir a conquista dos próprios interesses, usando o que o conhecimento acadêmico poderia proporcionar-lhe.



a TOSSE

PASSOU?

Concluída essa etapa de ajustes interpessoais, alguns dias depois Tiana foi ao reencontro de Dona Mariinha para certificar-se de como estaria sua saúde e se haveria necessidade de levar outra garrafada para ela. A própria senhora abriu o portão de sua casa, estava muito bem disposta. Apesar da avançada idade, sua aparência refletia saúde, a face estava corada e seu caminhar aprumado. A jovem foi recebida com um afetuoso abraço e seguiram para o interior da residência de mãos dadas. Dona Mariinha contou que sua tosse cessou poucos dias antes de finalizar o conteúdo da garrafada e que agora tinha disposição para realizar várias tarefas que já não conseguia fazer havia anos, como varrer o quintal e outras atividades domésticas. Disse também que estava frequentando um grupo de idosos que participavam de festas semanais em que dançavam forró. Tiana ouvia toda aquela conversa animada com muito gozo. Quanto mais a senhora falava, maior era a expressão de alegria no sorriso de Tiana.

Devido à sua ótima condição de saúde, Dona Mariinha não precisaria mais das garrafadas. A jovem apenas a presenteou com a receita de um xarope natural, caso a tosse mostrasse sinais de retorno:

– É só juntar meia rapadura, folhas de guaco, dois limões cortados em fatias e duas colheres de cravo da Índia. Levar ao fogo baixo e deixar cozinhar com a panela tampada. Encher outra panela com água, adicionar a rapadura em pedaços e deixe ferver até que a rapadura derreta. Misture o conteúdo das duas panelas e cozinhe por dez minutos para engrossar.

Muito grata pela receita e por todo zelo demonstrado por Tiana, Dona Mariinha perguntou:





– Como posso agradecer por ter mudado a minha vida? De velha doente, preparada para esperar o fim, passei a ser uma velha senhora esperançosa, pronta para participar da vida com alegria. Tem algo que eu possa fazer para recompensar você?

– Fico muito feliz em ver a senhora com tanta vivacidade. Isso já é muito gratificante. Mas já que está me oferecendo recompensa, digo que tem algo, sim, que poderia fazer por mim. Passei por dias conturbados com pessoas da faculdade e preciso de um peito amigo para desabafar minhas aflições.

Dona Mariinha aceitou prontamente ser confidente da jovem, levantou-se e diminuiu o volume da televisão para poderem conversar melhor. Tiana havia levado algumas ervas na bolsa. Pediu autorização para fazer um chá na cozinha da casa, pois é costume entre os quilombolas tomarem chá enquanto conversam.

Tiana contou à viúva os fatos ocorridos na faculdade, a acusação sofrida por seu povo e o projeto articulado por ela e o professor Matias:

– Tentei me mostrar uma mulher forte e determinada o tempo todo, mas em meu íntimo estava morrendo de medo de fracassar. Fiquei angustiada em pensar que meu projeto de guiar aqueles alunos por dois dias poderia dar errado. Estava apreensiva, cheguei a pensar que os alunos pudessem ser grosseiros comigo ou com os outros da comunidade. Foram raras as vezes que esbocei sorriso, não por querer aparentar seriedade, mas porque estava realmente apavorada. Eu só queria mostrar que somos diferentes da ideia que fazem de nós. Acredito que alcancei meu objetivo e aprendi tanto ou mais que eles. Fui injusta em meus temores, pois eles são tão cheios de dúvidas quanto eu. Aprendi que preconceito é fruto da falta de conhecimento.

Assim como meu povo foi receptivo a eles, meus colegas também chegaram à comunidade de coração aberto, acolhendo a cultura cedrina facilmente. Durante a palestra, eu não cheguei a agradecer-lhes por terem visitado a comunidade e nos terem tratado tão respeitosamente por lá. Lamento não ter dito palavras de gratidão, mas a timidez me travou. Talvez se eu tivesse sido menos receosa antes da ocasião em que fomos ofendidos, teria feito mais amizades e poderia tê-los conquistado



naturalmente. Depois da expedição, percebi que, inconscientemente, eu também havia criado uma barreira hostil em relação às pessoas que vivem fora da comunidade. Mesmo não tendo conseguido dizer como me fez bem ter convivido com meus colegas nesses dois dias, estou satisfeita comigo mesma. Se antes eu sentia um certo anseio por liberdade, hoje sinto-me completamente livre.

– Filha, quanta sabedoria você adquiriu nesses dias! Aprender é a maior riqueza da vida. Os cedrinhos são detentores de saberes especiais obtidos pela necessidade de sobrevivência, mas isso não os faz melhores nem piores do que outros povos. Somos todos iguais. O que nos diferencia é o uso que fazemos do que aprendemos e a forma como nos relacionamos com os outros. Se você era resistente em conviver com seus colegas, foi só uma tentativa exagerada de se defender.

Dona Mariinha percebeu que Tiana havia parado de dar atenção a sua conversa e estava com os olhos vidrados na televisão, que continuava ligada. De repente a jovem disse num susto:

– Onde está o controle da TV? Aumente o volume depressa, a Igreja de São Bento está passando no telejornal!

A velha senhora encontrou o controle que estava no sofá, embaixo de uma de suas almofadas, e aumentou o volume. O repórter estava em frente à igreja relatando que um carro fora abordado no posto da Polícia Rodoviária Federal entre as cidades de Acreúna e Rio Verde, e dentro do veículo havia armas de fogo e obras de arte de origem suspeita. Detidos para averiguação, o condutor do veículo e o passageiro foram encaminhados à delegacia local. Ao prestarem depoimento, os suspeitos confessaram que faziam parte de uma quadrilha internacional de roubo de obras artísticas. Após uma investigação, a polícia descobriu uma casa na capital do estado que era usada como esconderijo de peças roubadas e ponto de encontro dos demais comparsas. Foram encontrados vários objetos de valor na casa, entre eles uma imagem barroca que pertencia à Igreja de São Bento, da cidade de Mineiros.

Ao ouvirem o noticiário, as duas se entreolharam e não disseram palavra alguma. Seus olhares e sutis sorrisos no canto dos lábios expressaram claramente que ali finalizava toda aquela história.



Sobre as autoras

TATIANNE SILVA SANTOS

Nasceu em 1980, em Goiânia, Goiás. Tem formação em Letras/Português, é Mestra em Ensino na Educação Básica, doutoranda em Performances Culturais, trabalha como professora em instituições de ensino superior e é técnica em assuntos educacionais do Instituto Federal Goiano. É uma das autoras do livro *Tecendo histórias etnobotânicas e culturais na Comunidade Quilombola de Mineiros, Goiás* (Cânone, 2016) e pesquisadora de educação para a promoção das relações étnico-raciais.

MARA NÚBIA DIONÍSIO

Nasceu em 1979, em Goiânia, Goiás. Tem formação em Letras/Português pela Universidade Federal de Goiás.



